



A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CONTROLE DA DOR ONCOLÓGICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

THE ROLE OF NURSING IN THE CONTROL OF CANCER PAIN IN CHILDREN AND ADOLESCENTS

Ana Beatriz Almeida Duarte¹
Andrea Vitória Gomes Pereira²
Cleison Barbosa Santos³
Maria Victoria da Silva⁴
Raiane Oliveira da Silva⁵
Samilli Santiago Barreto⁶
Samilly Mota Souza Machado⁷
Wiliane Cerqueira de Souza⁸
Natália do Carmo Araújo⁹

¹Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: anabia.duarte@gmail.com

²Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: andreavitoriagomesenf@gmail.com

³Graduando em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: cleisonsantosbarbosacs@gmail.com

⁴Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: victoriasilva.enf@gmail.com

⁵Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: raianeo465@gmail.com

⁶Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: samillienfa@gmail.com

⁷Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: samilly.motaa07@gmail.com

⁸Graduanda em Enfermagem na Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF), Feira de Santana, Bahia- Brasil
E-mail: willicerqueira@gmail.com



⁹ Doutora em Saúde Coletiva, Professora da Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia Brasil. E-mail: nataliauefs1@outlook.com

RESUMO

Introdução: A dor oncológica em crianças e adolescentes é uma experiência multifatorial que afeta a qualidade de vida física, emocional, social e espiritual do paciente e de sua família, sua complexidade demanda cuidados específicos e humanizados, especialmente no contexto de internação e cuidados paliativos.

Objetivo: Analisar na literatura científica como a enfermagem atua no manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes, com foco na promoção de um cuidado eficaz, humanizado e centrado no paciente. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Foram utilizadas as bases LILACS e BVS, com aplicação de critérios de inclusão e exclusão, resultando na análise de 6 artigos publicados entre 2020 e 2025.

Resultados e Discussão: Identificaram-se três eixos principais: (1) avaliação e compreensão da dor total, destacando a necessidade do uso de escalas específicas e interpretação multidimensional; (2) humanização no manejo da dor, com inserção dos cuidados paliativos e fortalecimento do vínculo com paciente e família; (3) atuação do enfermeiro na aplicação de estratégias farmacológicas e não farmacológicas, escuta sensível e suporte emocional. **Conclusão:** A atuação da enfermagem é essencial para o controle da dor oncológica pediátrica, o cuidado deve ser baseado na escuta ativa, conhecimento técnico, sensibilidade humana e trabalho interdisciplinar, garantindo alívio do sofrimento e qualidade de vida às crianças e adolescentes acometidos pelo câncer.

Palavras-chave: Dor oncológica; Enfermagem; cuidados paliativos; Pediatria; Humanização.

ABSTRACT

Introduction: Cancer pain in children and adolescents is a multifactorial experience that affects the physical, emotional, social, and spiritual quality of life of patients and



their families. Its complexity demands specific and humanized care, especially in the context of hospitalization and palliative care. **Objective:** To analyze the scientific literature on how nursing works in the management of cancer pain in children and adolescents, focusing on promoting effective, humanized, and patient-centered care. **Methods:** This is an integrative literature review with a qualitative, descriptive, and exploratory approach. The LILACS and BVS databases were used, with the application of inclusion and exclusion criteria, resulting in the analysis of six articles published between 2020 and 2025. **Results and Discussion:** Three main axes were identified: (1) assessment and understanding of total pain, highlighting the need for the use of specific scales and multidimensional interpretation; (2) humanization in pain management, with the inclusion of palliative care and strengthening of the bond with the patient and family; (3) nurses' performance in applying pharmacological and non-pharmacological strategies, sensitive listening, and emotional support. **Conclusion:** Nursing performance is essential for the control of pediatric cancer pain. Care should be based on active listening, technical knowledge, human sensitivity, and interdisciplinary work, ensuring relief from suffering and quality of life for children and adolescents affected by cancer.

Keywords: Cancer pain; Nursing; palliative care; Pediatrics; Humanization.

INTRODUÇÃO

O câncer configura-se como um dos maiores problemas de saúde pública mundial, sendo responsável por uma das principais causas de mortalidade, representando um obstáculo significativo para o aumento da expectativa de vida em diversos países (Domingues, 2022). De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2023) estima-se que no triênio de 2023-2025 sejam diagnosticados aproximadamente 8 mil novos casos de câncer infanto-juvenil no Brasil, dentre eles 4,2 mil casos de câncer em meninos e 3,7 mil em meninas. O câncer infantojuvenil abrange um conjunto de doenças caracterizadas pela proliferação descontrolada de células anormais, podendo manifestar-se em qualquer parte do organismo e acometendo indivíduos na faixa etária de 0 a 19 anos.

Ao contrário do câncer em adultos, essas neoplasias são predominantemente de origem embrionária, afetando, em sua maioria, células do sistema hematopoético e



tecidos de sustentação. Atualmente, estima-se que cerca de 80% dos casos de câncer em crianças e adolescentes podem ser curados, desde que diagnosticados precocemente e tratados em centros especializados. No entanto, no Brasil, o câncer infantojuvenil ainda representa a principal causa de morte por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos, correspondendo a 8% do total de óbitos nesse grupo etário. Ressalta-se que o tratamento dessas enfermidades é considerado altamente complexo, exigindo abordagem especializada e, frequentemente, o uso de terapias combinadas com o objetivo de aumentar a taxa de sobrevivência a longo prazo (Carmo *et al.*, 2024).

O diagnóstico de câncer implica em diversas transformações na vida do paciente, e quando ocorre na infância, esse impacto é igualmente significativo, desde o momento do diagnóstico até as fases de tratamento e os possíveis desfechos. Durante o período de internação para o tratamento oncológico, a criança vivencia a ruptura de sua rotina habitual em função da realização de exames, procedimentos invasivos e dolorosos, como a quimioterapia, além de enfrentar diversos efeitos adversos como alterações no sistema digestório, como náuseas, vômitos, diarreia, redução do apetite e apatia, com consequente perda do cabelo. Essas alterações podem comprometer seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. O tratamento instituído varia conforme o tipo de câncer diagnosticado e pode incluir modalidades como quimioterapia, radioterapia e intervenções cirúrgicas nas quais estão diretamente relacionados à dor oncológica, um dos principais desafios enfrentados pelos pacientes (Sousa *et al.*, 2022).

A dor é entendida como uma vivência sensorial e emocional desagradável, que pode estar associada, ou não, a lesões teciduais reais, sendo sempre percebida de forma subjetiva e particular de acordo com a experiência de cada indivíduo. Trata-se de um fenômeno dinâmico e multifatorial, que transcende aspectos puramente físicos (Association, 2025). No contexto oncológico, a dor pode ser desencadeada pela presença do tumor primário, por metástases, ou ainda como consequência de tratamentos como cirurgia, radioterapia e quimioterapia. Sua prevalência é elevada, dados globais indicam altas prevalências para a dor, aproximadamente 55% dos indivíduos em tratamento antineoplásico relatam dor, 39,3% continuam a



apresentá-la mesmo após a finalização das terapias, e até 66,4% convivem com dor em estágios avançados ou metastáticos da doença. Quanto à intensidade, estima-se que 38% dos pacientes experimentam dor de moderada a intensa, evidenciando o impacto profundo desse sintoma na qualidade de vida (Silva *et al.*, 2022). Diferentes níveis de sofrimento são vivenciados secundários à dor, afetando não apenas a criança, mas também seus familiares e a equipe multiprofissional envolvida no cuidado. Assim, observa-se a necessidade de intensificação de políticas públicas de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento da dor oncológica por meio de uma equipe de saúde qualificada que garanta essa assistência (Brasil, 2023).

Os cuidados destinados a crianças e adolescentes com câncer, a atuação de uma equipe multiprofissional é fundamental para garantir uma assistência integrada e de qualidade. Essa abordagem busca estabelecer um canal efetivo de comunicação entre os profissionais e os pacientes, favorecendo a atenção às múltiplas dimensões do sofrimento. Dentre os membros da equipe, destaca-se o enfermeiro, cuja atuação é central para a implementação de estratégias que promovam dignidade, conforto, alívio da dor e resgate da autonomia. O enfermeiro desempenha um papel primordial na execução da assistência, atuando de forma contínua em todas as fases da doença, desde o planejamento terapêutico até a gestão dos cuidados, sempre com enfoque na integralidade, na humanização e nas considerações das necessidades singulares de cada paciente (Dias *et al.*, 2023).

Diante da complexidade que envolve o manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes, torna-se imprescindível reconhecer o papel do enfermeiro no planejamento e execução de cuidados. Tendo como principal indagação “Como a enfermagem pode atuar no manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes, garantindo um cuidado eficaz?”. Assim o presente estudo tem como objetivo: analisar como a enfermagem pode atuar no manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes promovendo um cuidado eficaz, humanizado, e centrado no paciente.

METODOLOGIA

A Revisão integrativa é uma técnica metodológica baseada na investigação de materiais já publicados, como livros e artigos científicos. É amplamente



empregada em estudos de natureza exploratória e na análise de ideias e pontos de vista sobre temas específicos. Essa estratégia contempla a busca e a análise aprofundada de publicações que embasam o referencial teórico de uma pesquisa, exigindo do investigador comprometimento, leitura detalhada e senso crítico. O procedimento inclui a escolha e a organização de fontes fidedignas, por meio de leituras exploratória, seletiva e crítica, com o objetivo de responder a perguntas de pesquisa ou validar hipóteses (Guerra, 2023).

Os artigos foram buscados nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O levantamento bibliográfico foi realizado em abril de 2025, foram utilizados os descritores com base no site em saúde e operadores booleanos, AND e O 'assistência de enfermagem AND dor oncológica' e 'assistência integral à saúde da criança e do adolescente OR assistência Paliativa'

Os critérios de inclusão adotados foram artigos publicados entre 2020 e 2025, disponíveis nos idiomas português e inglês. Por outro lado, os critérios de exclusão adotados foram: artigos que não abordavam o tema principal, estudos cujo tema proposto não atendia aos critérios estabelecidos, pesquisas cujo público-alvo era composto por indivíduos maiores de 17 anos, materiais duplicados e produções científicas incompletas. Essa abordagem assegurou a seleção de trabalhos relevantes e de qualidade, contribuindo para a robustez dos resultados obtidos. As buscas foram realizadas em bases científicas renomadas, garantindo uma seleção criteriosa das evidências, e após análise minuciosa o total da amostra selecionada foi de 06 artigos, conforme demonstrado na Figura 1.

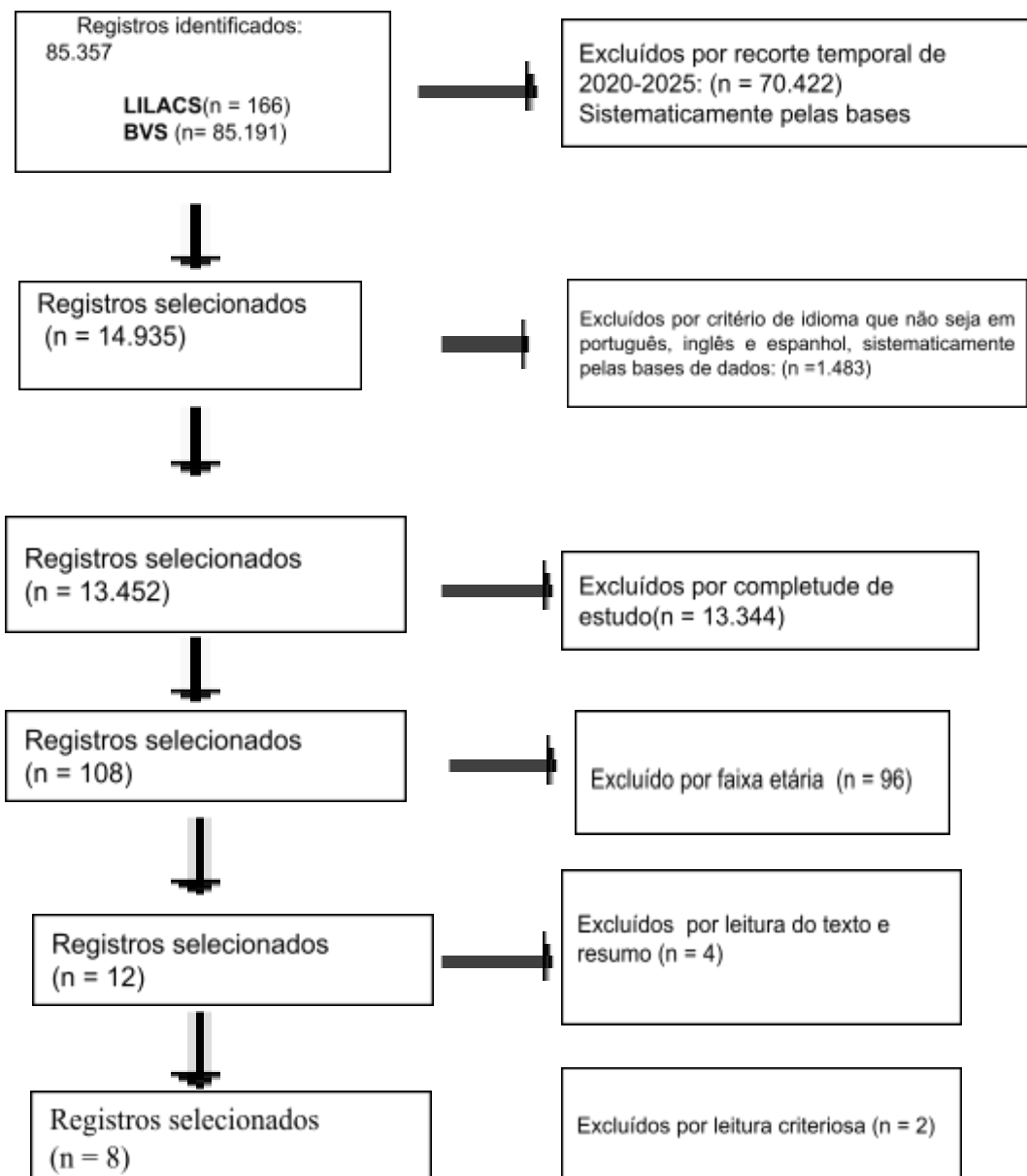
A sistematização do conteúdo e a estruturação dos dados coletados foram divididas em três momentos principais: inicialmente, a etapa de pré-análise, em que ocorre o exame preliminar do material; em seguida, o processamento das informações obtidas; e, por fim, a etapa interpretativa. A pré-análise refere-se à definição do conteúdo que será examinado, processo que ocorre ao longo da investigação. Já a exploração do material corresponde ao momento de codificação, onde os dados brutos são organizados e convertidos, com o intuito de identificar os aspectos centrais do texto por meio de uma leitura atenta. Por fim, o tratamento dos

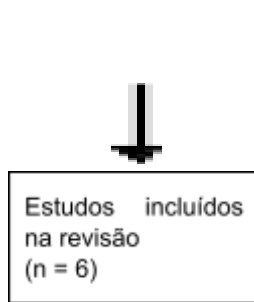


dados e a interpretação dos achados encerram-se com a apresentação descritiva dos resultados (Bardin, 2016).

Com o objetivo de tornar a análise dos artigos encontrados mais clara, elaborou-se a tabela 1, contendo as informações mais relevantes para compreender os tipos de estudos, seus propósitos e os principais achados. Essa organização permite uma visualização mais eficiente dos dados, auxiliando na condução do trabalho e possibilitando a escolha criteriosa dos artigos a serem utilizados, com base em uma leitura detalhada.

Figura 1- Fluxograma de seleção dos artigos





Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

RESULTADOS

As informações dos estudos selecionados estão organizadas na Tabela 1. As publicações concentram-se entre os anos de 2020 a 2025, demonstrando a atualidade e relevância do tema. Dentre os estudos, 20% foram publicados em 2020, 20% em 2021, 20% em 2022, 20% em 2023 e 20% em 2025, o que evidencia uma distribuição equilibrada ao longo dos últimos anos. Esses dados reforçam que se trata de uma produção científica recente, voltada para o aprimoramento do manejo da dor oncológica, especialmente em contextos pediátricos e de cuidados paliativos.

Tabela 1: Estudos localizados ao longo da investigação científica, dispostos conforme autor e data de publicação, título, tipo de estudo, finalidade da pesquisa e conclusões mais relevantes identificadas.

Autores (as)/Ano	Título	Tipo de estudo	Objetivo	O papel do enfermeiro no manejo da dor oncológica em criança e adolescentes
Gomes e Melo, (2023)	Dor total em pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura	Revisão integrativa da literatura (qualitativo-quantitativo)	Analisar estudos sobre dor total em pacientes oncológicos, focando na atuação dos profissionais de saúde e no manejo nos	O enfermeiro atua no manejo da dor total em crianças e adolescentes com câncer de forma integral, combinando medicação, acolhimento, estratégias lúdicas e apoio à família, visando aliviar o sofrimento físico, emocional, social e espiritual.



			cuidados paliativos	
Flávia Domingues (2022)	Manejo da dor em crianças e adolescentes hospitalizados com KG câncer: estudo transversal	transversal	Caracterizar o manejo da dor realizado pela equipe de enfermagem em crianças e adolescentes hospitalizados com câncer.	O artigo mostra que o manejo da dor por enfermeiros em crianças com câncer é feito principalmente com medicamentos, mas com pouca reavaliação e pouco uso de escalas validadas. Também destaca a necessidade de capacitação e protocolos para melhorar o cuidado.
Paiva; Santos; Aperibense; Martins; Ennes; Almeida; Filho (2021)	Aspectos históricos no manejo da dor em cuidados paliativos em uma unidade de referência oncológica	qualitativo	Descrever as ações implementadas para o manejo da dor na assistência em cuidados paliativos oncológicos	Segundo o artigo o papel do enfermeiro no manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes, o enfermeiro contribui com cuidados paliativos humanizados, focando no controle da dor e na qualidade de vida por meio de abordagens farmacológicas e não farmacológicas.
Borchardt; Sangoi; Fontana; Lucca; Carginin (2020)	Avaliação das dimensões da dor no paciente oncológico	Estudo transversal	Mensurar a experiência dolorosa em pacientes oncológicos em tratamento.	O estudo utiliza o Questionário da Dor McGill para analisar a experiência dolorosa de pacientes oncológicos em quimioterapia, visando subsidiar um cuidado de enfermagem mais humanizado, individualizado e eficaz no manejo da dor.
Downing; Randall; Mcnamara-Goodger; Ellis; Palat; Ali; Hunt; Kiman; Neilson (2025)	Cuidados paliativos infantis e saúde pública: declaração de posição	Artigo de revisão com enfoque opinativo e posicionamento institucional.	Destaca a importância da abordagem de saúde pública no cuidado paliativo pediátrico, integrando comunidades, profissionais e políticas para serviços	O artigo defende a inclusão dos cuidados paliativos infantis na saúde pública, com oito princípios que destacam a infância como direito, a participação comunitária e a coprodução entre serviços e sociedade, visando transformar e melhorar a vida de crianças com doenças



			sustentáveis e centrados na infância.	graves e suas famílias.
Draper, (2024)	Cuidados paliativos pediátricos: um lugar de esperança	estudo descritivo	Esclarecer os conceitos e o papel dos cuidados paliativos, destacando a importância do cuidado interdisciplinar centrado na criança e na família, voltado para o alívio do sofrimento e a promoção da qualidade de vida.	O papel do enfermeiro no manejo da dor oncológica em crianças e adolescentes é avaliar, mensurar e controlar a dor de forma contínua, utilizando escalas adequadas e escuta sensível. Ele contribui para o alívio do sofrimento com intervenções eficazes, seguindo protocolos como a Escada Analgésica da OMS, e promove o conforto do paciente com cuidados humanizados e orientação à família.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos artigos encontrados durante a pesquisa, em 2025.

DISCUSSÃO

A elaboração da discussão foi fundamentada a partir do acúmulo de saberes já existentes sobre o tema em questão, o que permitiu uma análise crítica do material revisado, com o intuito de reconhecer possíveis deficiências de abordagem e padrões temáticos recorrentes entre os conteúdos avaliados. Esse movimento investigativo, ao mesmo tempo reflexivo e sistemático, viabilizou a construção de uma linha de raciocínio coerente, que orientou a organização da discussão conforme os principais eixos temáticos emergentes. Entre esses eixos, destacaram-se questões centrais como a condução adequada do alívio da dor, os métodos utilizados para a avaliação de suas múltiplas dimensões, a compreensão da dor total no contexto clínico, especialmente no que tange ao cuidado integral, e, por fim, os aspectos específicos relacionados aos cuidados paliativos destinados ao público pediátrico, englobando tanto as práticas voltadas a crianças acometidas de câncer, quanto os impactos desses cuidados na saúde infantil de forma mais ampla.

DOR ONCOLÓGICA: ABORDAGEM DE AVALIAÇÃO E COMPREENSÃO



Esta categoria abrange 3 artigos ($f = 3$): Gomes e Melo, 2023; Paiva *et al.*, 2021; Borchardt *et al.*, 2020; que tratam dos aspectos avaliativos e compreensivos da dor do paciente. Discutem a dor do câncer para além da sensação física, levando em consideração fatores sociais, espirituais, emocionais, entre outras variáveis que compõem a dor. Ademais, a avaliação da dor em pacientes oncológicos pediátricos é um desafio clínico, e o uso de escalas apropriadas se mostra essencial para compreender a intensidade e o impacto da dor na criança e adolescente.

A dor é o sintoma predominante em pacientes com câncer avançado. Os estudos realizados por Gomes e Melo (2023) e Silva *et al.* (2021) evidenciaram que a intensidade sintomática está intrinsecamente relacionada a múltiplos domínios da experiência humana: físicos, sociais, psicológicos e espirituais, uma vez que diversas variáveis, como fadiga, distúrbios do sono, sintomas ansiosos e depressivos, isolamento social e prejuízo da capacidade funcional, exercem influência significativa sobre a percepção da dor relatada pelos pacientes. Adicionalmente, os estados emocionais e a percepção de bem-estar psicológico mantêm uma estreita correlação com o alívio da dor em pacientes com câncer (Xu *et al.*, 2019).

De acordo com Paiva *et al.* (2021) e Borchardt *et al.* (2020), a dor é uma experiência subjetiva e imensurável, que impacta significativamente a qualidade de vida do paciente, sendo influenciada por diversos fatores relacionados ao estágio da doença. A avaliação das variações na intensidade da dor contribui para a compreensão da eficácia das intervenções em pacientes oncológicos. Considerando que o manejo da dor é um processo complexo e multifatorial, torna-se essencial compreender, de forma aprofundada, as barreiras que dificultam um tratamento adequado. Tal compreensão é fundamental para corrigir deficiências nas práticas profissionais, garantindo a integralidade do cuidado, bem como uma abordagem terapêutica holística e humanizada.

A avaliação da dor é reconhecida como um processo contínuo e complexo, constituindo um componente essencial para o manejo adequado dessa condição. No contexto da dor oncológica crônica em pacientes pediátricos, esse processo fundamenta-se em três principais dimensões: relato da criança, observação de sua



expressão facial e comportamental e relato familiar. Considerando que o relato familiar desempenhe um papel relevante na avaliação da dor, é fundamental que a equipe multiprofissional saiba ponderar adequadamente a verdadeira intensidade dessa condição na criança, especialmente considerando que a literatura aponta para divergências entre a percepção dos pais, da própria criança e dos profissionais de saúde. Por essa razão, é premente que os profissionais de saúde estejam devidamente qualificados e preparados para uma correta avaliação da dor (Silva *et al.*, 2021).

Um dos métodos utilizados para mensurar a dor consiste- aplicação de escalas específicas, entretanto, torna-se imprescindível a escolha do instrumento mais adequado. Devem ser consideradas as propriedades psicométricas do instrumento, bem como as particularidades de cada indivíduo, com o objetivo de assegurar a máxima fidedignidade dos resultados (Bruno *et al.*, 2018). Em contrapartida, Sallum *et al.*, (2012), afirma que o uso errôneo de instrumentos para mensurar e interpretar o processo doloroso na prática clínica pode comprometer a qualidade da assistência, uma vez que influenciam no correto diagnóstico e direcionamento terapêutico.

Uma revisão sistemática da literatura conduzida por Batalha *et al.* (2015) identificou diversas escalas utilizadas para a avaliação da dor persistente em crianças com câncer, evidenciando o uso de instrumentos tanto unidimensionais quanto multidimensionais. Entre as escalas unidimensionais, destacam-se: a *Visual Analogue Scale* (VAS), a *Numeric Rating Scale* (NRS), a *Faces Pain Scale - Revised* (FPS-R), a *Oucher Scale* (OS), a *Nominal Scale* (NS), e a *Wong-Baker Faces Scale* (WBFS). Já entre as multidimensionais, incluem-se: o *Body Diagram* (BD), a *Baby Faces Scale* (BFS), a *Cartoon Character's Scale* (CCS), entre outras. A diversidade de instrumentos reflete a complexidade da avaliação da dor pediátrica oncológica, exigindo a escolha criteriosa da escala mais adequada ao estágio de desenvolvimento, à capacidade de comunicação da criança e ao contexto clínico.

Dessa forma, evidencia-se a importância de incorporar a avaliação da dor em pacientes oncológicos à prática clínica rotineira, com o objetivo de otimizar as intervenções, superar barreiras no manejo da dor e aprimorar os desfechos clínicos.



Torna-se premente a necessidade de mudanças nas estratégias educacionais que fortaleçam e qualifiquem a prática profissional, com ênfase na compreensão da dor oncológica e na adequada orientação a pacientes e familiares, de modo que todos possam atuar de forma integrada no gerenciamento do controle da dor total relacionada ao câncer.

HUMANIZAÇÃO NO MANEJO DA DOR PEDIÁTRICA: A INSERÇÃO DOS CUIDADOS PALIATIVOS NO CUIDADO EM SAÚDE

Esta categoria abrange 2 artigos (f = 2): Downing *et al.*, 2025; Draper, (2024); que explora os cuidados paliativos em pediatria sob a perspectiva da humanização da assistência. Os estudos ressaltam a importância de uma abordagem centrada na criança e no adolescente, reconhecendo suas necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais. A humanização é compreendida como um componente essencial do cuidado paliativo, promovendo acolhimento, escuta ativa, comunicação empática e apoio integral à família. Além disso, os artigos destacam o papel da equipe interdisciplinar na construção de vínculos e na garantia de um cuidado digno e individualizado, especialmente diante do enfrentamento de doenças ameaçadoras à vida.

A dor total compreende a dor como uma experiência complexa e multidimensional, envolvendo componentes físicos, psicológicos, sociais e espirituais, que se manifestam de maneira singular em cada indivíduo (IASP, 2010). A dor física pode decorrer diretamente do tumor, dos efeitos do tratamento ou de comorbidades associadas; a dor psicológica é influenciada por sentimentos como medo, ansiedade e depressão; a dor social envolve aspectos como o papel social, dificuldades familiares e financeiras; e a dor espiritual refere-se a questões existenciais, à busca de sentido e à relação com a fé. Assim, o cuidado paliativo exige uma abordagem integral e sensível à complexidade do sofrimento vivenciado pelo paciente oncológico pediátrico e sua família.

Os cuidados paliativos pediátricos têm como objetivo prevenir e aliviar o sofrimento de crianças e adolescentes com doenças complexas, por meio da atuação de uma equipe interdisciplinar. Esses pacientes, em geral, apresentam



elevada carga sintomática, considerável complexidade clínica e, frequentemente, dependência de tecnologias para manutenção da vida e qualidade assistencial (Draper, 2024). De acordo com Natarelli *et al.*, (2021) o acesso aos cuidados paliativos deve ser universal, contemplando as especificidades e vulnerabilidades de grupos marginalizados e populações em situação de baixa renda. Ademais, o cuidado abrange à criança nas dimensões biopsicossociais, em todas as fases do desenvolvimento; além de fornecer suporte à família.

De acordo com Downing *et al.*, (2025) e Downing *et al.*, (2023), posicionar os cuidados paliativos infantis sob a perspectiva da saúde pública transforma significativamente o cuidado e a prestação de serviços, ao reconhecer a criança e seus cuidadores como parte integrante da comunidade e da população em geral. Para isso, é necessário que os apoios oferecidos por profissionais e pela comunidade se complementem, proporcionando suporte contínuo, prático e humanizado. Além disso, destaca-se a importância da inserção do tema nos currículos da formação em saúde e assistência social, especialmente na atenção primária, e da ampliação de pesquisas e avaliações, a fim de garantir cuidados paliativos pediátricos eficazes, individualizados e centrados na criança.

Os cuidados paliativos em pediatria apresentam particularidades importantes, uma vez que as necessidades específicas das crianças e de suas famílias historicamente têm sido pouco contempladas nos modelos tradicionais de atenção paliativa. Soma-se a isso a diversidade de questões psicológicas que acometem os pacientes pediátricos, sendo essas mais prevalentes entre os adolescentes, os quais, por possuírem maior compreensão sobre a finitude da vida, tendem a vivenciar o processo de forma mais consciente e, por vezes, angustiante (Costa *et al.*, 2010).

De acordo com Yto *et al.*, (2015) e Levine *et al.*, (2017), os cuidados paliativos no contexto do câncer infantil configuram-se como uma abordagem integral, voltada a pacientes que se encontram fora de possibilidades terapêuticas curativas. Seu principal objetivo é promover a qualidade de vida da criança e de sua família, por meio de ações que envolvem a identificação precoce de sintomas biopsicossociais e espirituais, a prevenção e o alívio da dor, a oferta de conforto e apoio, a inclusão da



criança e de seus familiares no processo de tomada de decisão, bem como a preservação de uma rotina que se aproxime ao máximo dos hábitos anteriormente vivenciados, permitindo que a criança viva de forma ativa e significativa.

Uma abordagem de cuidados paliativos em saúde pública voltada à infância considera a resposta da comunidade diante da morte infantil. A atenção vai além dos aspectos médicos das crianças e suas famílias, contemplando também as doenças, enfermidades e deficiências que afetam crianças em contextos comunitários e populacionais. Aspectos políticos, sociais e culturais das múltiplas infâncias são levados em consideração, promovendo a atuação conjunta entre comunidades e profissionais de saúde na construção de uma abordagem integral da criança. Essa abordagem deve abranger não apenas os aspectos físicos, mas também dimensões políticas, sociais, psicológicas, espirituais e culturais, todas interligadas e com impacto direto na qualidade de vida de crianças, suas famílias e daqueles que vivenciam o luto. Questões espirituais e culturais, em especial, são de grande relevância e devem ser reconhecidas dentro da perspectiva da saúde pública infantil, garantindo apoio tanto para pessoas com fé, sem fé ou que estejam em processo de reflexão sobre espiritualidade e religiosidade (Downing *et al.*, 2025).

O controle e o alívio da dor constituem um direito humano fundamental e devem ser promovidos por meio de estratégias farmacológicas, como o uso de analgésicos opióides e não farmacológicos, inseridas em um plano de manejo integral da dor. Entre as abordagens não farmacológicas destacam-se o contato físico, o toque terapêutico, o apoio psicológico, a interação social, a aromaterapia, entre outras (Guimarães *et al.*, 2016). Intervenções como o brinquedo terapêutico instrucional, a massagem e a musicoterapia também têm demonstrado eficácia comprovada na redução da dor, da ansiedade e da fadiga, contribuindo significativamente para a integralidade dos cuidados paliativos (Bueno *et al.*, 2019).

Com base em Silva *et al.*, (2015), Guimarães *et al.*, (2017) e Natarelli *et al.*, (2020) é fundamental que a temática dos cuidados paliativos seja incorporada às ações de educação continuada voltadas aos profissionais que já atuam na área, já que o enfermeiro possui a responsabilidade de realizar a avaliação da dor em crianças e adolescentes. O vínculo estabelecido entre paciente e profissional



possibilita a identificação de situações em que a criança se sinta mais à vontade, contribuindo para a redução do estresse psicológico, tanto do paciente quanto da equipe. Por estarem frequentemente ao lado da criança e de seus familiares, os enfermeiros conseguem compreender suas necessidades de forma integral. A complexidade do cuidado prestado à criança e ao adolescente com câncer, especialmente no contexto dos cuidados paliativos, exige da equipe de enfermagem a adoção de práticas solidárias e orientadas pela compaixão, de modo a oferecer suporte integral tanto aos pacientes quanto aos seus familiares.

Este estudo evidencia a importância dos cuidados paliativos na atuação da enfermagem em oncologia pediátrica, ressaltando que essa abordagem deve priorizar a garantia da qualidade de vida de crianças e adolescentes. Assegurar a dignidade e promover o bem-estar nesse momento representa um compromisso com o respeito à individualidade e com a oferta de um cuidado pautado na serenidade e na humanização.

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA AVALIAÇÃO E NO ALÍVIO DA DOR ONCOLÓGICA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS

Esta categoria contempla 5 artigos (f = 5): Domingues, 2022; Gomes e Melo 2023; Paiva *et al.*, 2021; Borchardt *et al.*, 2020; que referem-se à complexidade da dor em pacientes pediátricos oncológicos sob uma perspectiva ampliada. Os estudos destacam a importância da atuação da enfermagem na identificação e no manejo da dor, reconhecendo que ela vai além do aspecto físico, envolvendo também dimensões emocionais, sociais e espirituais.

A dor é uma das causas mais frequentes de sofrimento e incapacidade em pacientes com câncer, afetando cerca de 80% deles em algum momento da evolução da doença. No contexto oncológico, a dor crônica tende a ser ainda mais impactante, devido à sua persistência e recorrência. Essa condição agrava as alterações biopsicossociais que acometem a criança ao longo do tratamento, influenciando significativamente sua qualidade de vida (Domingues, 2022).

O manejo da dor oncológica constitui um dos fundamentos essenciais dos cuidados paliativos. Essa abordagem visa promover a qualidade de vida de



pacientes e seus familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Nesse contexto, os cuidados paliativos exigem a identificação precoce, bem como a avaliação e o tratamento eficaz da dor, além de outros sintomas e questões de ordem física, psicossocial e espiritual (Silva, 2015).

Segundo o Manual de Cuidados Paliativos (2021), o manejo adequado da dor e de outros sintomas deve ser considerado a base fundamental do cuidado direcionado à criança em contexto de atenção paliativa oncológica. A instituição destaca ainda que esse processo exige domínio e familiaridade com estratégias terapêuticas, tanto farmacológicas quanto não farmacológicas, visando proporcionar alívio efetivo e integral do sofrimento.

O cuidado de enfermagem à criança com câncer é uma atividade complexa, marcada por incertezas em relação à cura, pela frustração gerada pela expectativa de vida projetada para a criança e pela fragilidade diante da possibilidade da morte (Guimarães, 2016). Essas circunstâncias frequentemente provocam sentimentos de impotência na família, na equipe interdisciplinar e na sociedade. Cabe enfatizar a contribuição da enfermagem no cuidado à criança em cuidados paliativos, especialmente no manejo da dor e no controle de outros sintomas. A dor é um dos sinais mais frequentes e relatados por pacientes oncológicos, tornando o seu manejo uma prioridade. Além disso, o apoio à família é essencial, uma vez que o diagnóstico de câncer geralmente provoca um choque emocional profundo, marcado pelo desespero dos pais, que muitas vezes associam a doença à morte e à incurabilidade (Gomes e Melo, 2023).

A assistência de enfermagem é caracterizada pelo acompanhamento contínuo e constante, realizado por uma equipe multiprofissional, o que exige ações eficazes de gestão e trabalho colaborativo (Peduzzi *et al.*, 2014). Assim, o gerenciamento do cuidado de enfermagem é fundamental para orientar as práticas assistenciais, garantindo sua efetiva execução. Nesse contexto, torna-se importante explorar alguns dos conceitos relacionados ao gerenciamento do cuidado de enfermagem presentes na literatura. Cabe ao enfermeiro avaliar e dimensionar a complexidade da dor oncológica, implementando as estratégias terapêuticas adequadas e



considerando a participação da família nesse processo. Isso é especialmente relevante diante dos sintomas que a criança pode apresentar, como fadiga, náuseas, vômitos, dispnéia, constipação, anorexia, convulsões, ansiedade, depressão, agitação e confusão (Souza *et al.*, 2018).

A atuação prestada pelos profissionais de enfermagem deve ser individualizada e pautada na humanização, envolvendo a família em todas as etapas do cuidado. Isso assegura o direito à informação sobre a doença e o tratamento, prepara a criança para os procedimentos necessários e inclui ações direcionadas ao alívio da dor e do desconforto. Dessa forma, no ambiente hospitalar, o cuidado deve ser integral e humanizado, com foco tanto na criança quanto em sua família (Vieira *et al.*, 2016). O paciente, como foco central do cuidado da equipe de enfermagem, deve ser compreendido em sua totalidade biopsicossocial e espiritual. Assim, é fundamental que o atendimento seja individualizado, eficiente e eficaz, estabelecendo um vínculo afetivo e de confiança entre o profissional e o paciente. Dessa forma, a equipe de enfermagem deve ir além do conhecimento científico, promovendo também atitudes de amor e compaixão no cuidado prestado (MONTEIRO *et al.*, 2016).

As intervenções para alívio da dor são parte essencial da assistência de enfermagem. É fundamental que o enfermeiro compreenda a dor e a relevância de sua mensuração, pois ela permite identificar a medicação mais adequada, além de avaliar e monitorar a eficácia do tratamento (Borchartt *et al.*, 2020). O tratamento farmacológico é fundamental para a redução significativa da dor, devendo seu manejo adequado ser prioridade no planejamento do cuidado. É importante que a criança compreenda que sua dor está sendo levada a sério, e que tanto sua família quanto os profissionais de enfermagem estão atentos e empenhados em proporcionar alívio. Embora avaliar e mensurar a dor seja uma tarefa desafiadora, esses procedimentos devem ser realizados rigorosamente e registrados no prontuário da criança, garantindo a implementação eficaz das medidas necessárias para o controle do sofrimento (Coelho *et al.*, 2016).

Além do manejo da dor, os enfermeiros destacaram a importância de práticas assistenciais rotineiras, como a troca de curativos e a mudança de posição, sempre



com o objetivo de proporcionar conforto e melhorar a qualidade de vida da criança. Nesse sentido, um estudo brasileiro (Aquino *et al.*, 2016) enfatiza a relevância de cuidados específicos em pacientes submetidos a cuidados paliativos, incluindo mudança de decúbito, higiene, monitoramento dos sinais vitais, comunicação eficaz, apoio à família, massagens de conforto, além de curativos, entre outros. Esses cuidados são apontados pelos profissionais como estratégias fundamentais para promover o bem-estar do paciente, contribuindo para que ele vivencie a melhor qualidade de vida possível.

A participação ativa de enfermeiros e técnicos de enfermagem, aliada à iniciativa de um grupo profissional comprometido com ações de grande impacto na qualidade da assistência especialmente no manejo da dor e na integralidade do cuidado resulta na construção de um conhecimento especializado, conferindo-lhes, assim, uma posição de destaque no campo da oncologia. (Paiva *et al.*, 2021). A relação com a equipe de saúde, incluindo o apoio ativo da enfermagem, bem como o suporte social e familiar, é fundamental no manejo da dor oncológica. Por se tratar de uma dor total, de múltiplas dimensões, sua abordagem exige uma atuação interdisciplinar centrada nas necessidades do paciente (Gomes e Melo, 2023).

A enfermagem, ao unir conhecimento técnico e sensibilidade humana, torna-se peça-chave na identificação e no alívio da dor, promovendo cuidado integral e qualidade de vida para crianças e adolescentes com câncer. Diante da complexidade do cuidado pediátrico oncológico, especialmente no contexto dos cuidados paliativos, é essencial que a atuação da enfermagem seja pautada em ações solidárias e fundamentadas na compaixão, oferecendo suporte não apenas ao paciente, mas também à sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência de enfermagem na área oncológica, valoriza crianças e adolescentes de uma maneira integral e humana ressaltando sempre a escuta ativa, conversas, atenção e companheirismo. Empenhando-se sempre na melhora da qualidade de vida, a fim de que o local de internação seja mais confortável e acolhedor.



Assim, é perceptível a complexidade que envolve a compreensão do fenômeno da dor da criança e do adolescente com câncer, que ao mesmo tempo em que precisa ser percebida em sua totalidade, é necessário distinguir as diferentes dimensões que a compõe, porém, em uma lógica que não fragmente a assistência, mas que as interligue, não perdendo de vista essa totalidade. Através disso, os profissionais de enfermagem ofertam medidas de conforto, a crianças que em muitas vezes estão fora de possibilidade de cura.

Não podemos deixar de citar que a família é o alicerce necessário no momento difícil e doloroso da hospitalização para quem sofre com uma doença oncológica, em destaque as crianças e adolescentes. No momento em que os familiares recebem a notícia da hospitalização sofrem bastante, mas apesar do choque inicial, a família percebe-se aceitando a hospitalização, por acreditarem que essa é indispensável ao tratamento da criança (Vieira *et al.*, 2020). O profissional de enfermagem deve apoiar, transmitir segurança e tranquilizar pais e irmãos, orientar e incluir a família nos cuidados de criança e adolescentes, além de oportunizar o maior contato possível com pessoas próximas (pais, irmãos, avós), por meio da possibilidade de mais visitas, pois não é possível que a criança tenha uma morte digna sem a participação da família durante todo o processo. O enfermeiro deve estar atento às necessidades sociais da família; durante o adoecimento da criança com câncer, os pais podem apresentar problemas financeiros, relacionados a perda de emprego, a dificuldades para cuidar de outros filhos no domicílio ou mesmo ao tratamento da criança, considerando as restrições relacionadas aos planos de saúde, no caso do sistema privado. Diante disso, não se pode esquecer de seus familiares, estes também passam por momento de sofrimento junto ao paciente, os enfermeiros devem estar presentes para oferecer apoio, pois faz parte do processo de cuidar.

Com isso, a enfermagem tem buscado estratégias para promover a melhoria da assistência de enfermagem, e principalmente na comunicação com os responsáveis de pacientes oncológicos. Tal assistência requer conhecimentos específicos, pelo fato de o câncer se configurar como uma patologia que necessita de cuidados complexos e oferece riscos e agravos durante o tratamento. Assim, o



enfermeiro que presta cuidados assistenciais ao paciente com câncer, deve oferecer um cuidado em saúde com qualidade e segurança adequados, de forma a minimizar possíveis erros e complicações.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016

BRASIL. Ministério da Saúde. **Câncer infantil: conheça os sinais de alerta e os tratamentos ofertados pelo SUS**. 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/cancer-infantil-conheca-os-sinais-de-alerta-e-os-tratamentos-ofertados-pelo-sus>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Cuidados Paliativos**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em:

<https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Manual-de-cuidados-paliativos-ANCP.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2025.

BUENO, Trycyane Rodrigues; SHIMODA, Sandra; SOUZA, Camilla Borges Lopes. Dor oncológica pediátrica e a atuação da enfermagem: uma revisão de literatura. *Praxys: Revista de Ciências da Saúde*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 97–107, 2019. Disponível em:

<https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/3915>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CARMO, Sandra Alves Do; OLIVEIRA, Isabel Cristina Dos Santos; CARDOSO, Soraya Bactuli; GOIS, Jakcilane Rosendo de; COSTA, Cícero Ivan Alcantara; NORONHA, Roberta Dantas Breia de; JOSÉ, Sabrina Ayd Pereira. Escala de avaliação do desempenho funcional de crianças e adolescentes com câncer: estudo transcultural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 77, p. e20230331, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/wxBnNKSTJwj9jmVDzxZh5fR/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2025.

COELHO, Juliana Chaves; SANTOS, Juliano dos; SILVA, Magda Aparecida dos Santos; MEIRA, Karina Cardoso; VALLE, Ana Carolina. Conhecimento de enfermeiros residentes sobre o manejo da dor no câncer: a influência de uma intervenção educativa. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo*, v. 61, n. 2, p. 70–77, 2016. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/6195>. Acesso em: 08 abr. 2025.

COSTA, Thailly Faria da; CEOLIM, Maria Filomena. A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 759–766, dez. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/D5SZTvCtczLkjYyBcYXmdtm/>. Acesso em: 05 abr. 2025.

DIAS, Thainá Karoline Costa; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; EVANGELISTA, Carla Braz; BATISTA, Patrícia Serpa de Souza; BUCK, Eliane Cristina da Silva; FRANÇA, Jael Rúbia Figueiredo de Sá. Assistência de enfermeiros a crianças em cuidados paliativos: estudo à luz da teoria de Jean Watson. *Escola Anna Nery*, v. 27, p. e20210512, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/WQvh8ykThsc7d37BsX7fKfH/?lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2025.

DOMINGUES, Flávia. **Manejo da dor em crianças e adolescentes hospitalizados com câncer: estudo transversal**. 2022. Disponível em:



https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-28112024-112733/publico/Dissertacao_FlaviaDomingues_VersaoFinal.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

DOWNING, Julia; CHAMBERS, Lizzie; DANIELS, Alex; LING, Julie; HAMZAH, Ednin; LUYIRIKA, Emmanuel; CAWLEY, Regina Okhuysen; DOHERTY, Megan; BAKER, Justin. **Mapping of Children's Palliative Care Development Globally in 2023**. *Children*, Basel, v. 12, n. 4, p. 440, 2025. DOI: 10.3390/children12040440. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-9067/12/4/440>. Acesso em: 10 mai. 2025.

DOWNING, Julia; RANDALL, Duncan; MCNAMARA-GOODGER, Katrina; ELLIS, Peter; PALAT, Gayatri; ALI, Zipporah; HUNT, Jenny; KIMAN, Rut; FRIEDEL, Marie; NEILSON, Sue. **Children's palliative care and public health: position statement**. *BMC Palliative Care*, [S. l.], v. 24, p. 89, 2025. DOI: 10.1186/s12904-025-01653-1. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12904-025-01653-1>. Acesso em 30 abr. 2025.

GUIMARÃES, Tuani Magalhães; SILVA, Liliâne Faria da; SANTO, Fátima Helena Espírito; MORAES, Juliana Rezende Montenegro Medeiros de. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica na percepção dos acadêmicos de enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 261–267, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/q7bshsbnMcML5FcjdQMrW8m/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GOMES, Alana Mabda Leite; MELO, Cynthia de Freitas. Dor total em pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 28, e53629, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6RNqwhmwtkGbXFqFpdx9MQr/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. Metodologia da Pesquisa Científica e Acadêmica. **Revista OWL**, v. 1, n. 2, Campina Grande, 2023. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em 10 mai. 2025.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN. **Terminology: pain terms and definitions**. Washington: IASP, 2021. Disponível em: <https://www.iasp-pain.org/resources/terminology/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN (IASP). **Guia para o Tratamento da Dor em Contextos de Poucos Recursos**. Traduzido por José Castro Lopes et al. Seattle: IASP Press, 2010. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Guia-para-o-Tratamento-da-Dor-em-Contextos-de-Poucos-Recursos.pdf>. Acesso em 07 mai. 2025.

ITO, Yoshinori; OKUYAMA, Toru; ITO, Yasuhiko; KAMEI, Michi; NAKAGUCHI, Tomohiro; SUGANO, Koji; KUBOTA, Yosuke; SAKAMOTO, Nobuhiro; SAITOH Shinji; AKECHI, Tatsuo. **Good death for children with cancer: a qualitative study**. *Japanese Journal of Clinical Oncology*, [S.l.], v. 45, n. 4, p. 349–355, 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/ijco/article-abstract/45/4/349/909661>. Acesso em 30 abr. 2025.

LEVINE, Deena R.; MANDRELL, Belinda N.; SYKES, April; PRITCHARD, Michele; GIBSON, Deborah; SYMONS, Heather J.; Wendler, David; Baker, Justin. **Patient's and parent's needs, attitudes, and perceptions about early palliative care integration in pediatric oncology**. *JAMA Oncology*, [S.l.], v. 3, n. 9, p. 1214–1220, 2017. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamaoncology/article-abstract/2608282>. Acesso em: 03 jun. 2025.

MONTEIRO, Priscila de Vasconcelos; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha de; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte; FREITAS, Maria Célia de; GUEDES, Maria Vilani Cavalcante; SILVA, Lúcia de Fátima da. Quando cuidar do corpo não é suficiente: a dimensão emocional do cuidado de enfermagem. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 20, e957, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/remede/article/view/50041>. Acesso em: 05 jun. 2025.



NATARELLI, Taison Regis Penariol; AZZOLIN, Gabriela Marchiori Carmo; LIMA, Viviana Aparecida de. Assistência de enfermagem à criança com câncer em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 97–107, dez. 2020. Disponível em:

<https://journal.sobep.org.br/es/article/atencion-de-enfermeria-para-ninos-con-cancer-en-cuidados-paliativos-una-revision-integrativa/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

PAIVA, Carolina Fraga; SANTOS, Tânia Cristina Franco; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa; MARTINS, Gizele da Conceição Soares; ENNES, Lilian Dias; ALMEIDA, Antonio José de Almeida. Aspectos históricos no manejo da dor em cuidados paliativos em uma unidade de referência oncológica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 74, n. 5, p. e20200761, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/gwX6t7GvJPjvV5trMDXcdNQ/?lang=pt>. Acesso em 10 mai. 2025.

PEDUZZI, Marina e CIAMPONE, Maria Helena Trench. Trabalho em equipe e processo grupal. In: KURCGANT, Paulina (org.). **Gerenciamento em Enfermagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. p. 108–124. ISBN 978-85-277-1644-4. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001483863>. Acesso em: 25 mai. 2025.

REIS, Thamiza L. da Rosa dos; PAULA, Cristiane Cardoso de; POTRICH, Tassiana; PADOIN, Stela Maris de Mello; BIN, Aline; MUTTI, Cintia Flores; BUBADUÉ, Renata de Moura. Relações estabelecidas pelos profissionais de enfermagem no cuidado às crianças com doença oncológica avançada. **Aquichán**, [S.l.], v. 14, n. 4, p. 496–508, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-59972014000400005&script=sci_arttext. Acesso em: 26 mai. 2025.

SALLUM, Ana Maria Calil; GARCIA, Dayse Maioli; SANCHES, Mariana. Dor aguda e crônica: revisão narrativa da literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 150–154, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9XWXKgJMW7j7KRdDDxLpZtt/?format=html&lang=pt>. Acesso em 02 jun. 2025.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce.. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, p. 508-511, maio/jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2025.

SILVA, Beatriz Uchoa; YOSHIOKA, Eliane Muta; SALVETTI, Marina de Gois. Conhecimento de Enfermeiros sobre o Manejo da Dor Oncológica. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 68, n. 4, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003123214>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SILVA E SOUSA, Amanda Danielle Resende; SILVA, Liliâne Faria da; PAIVA, Eny Dórea. Intervenções de enfermagem nos cuidados paliativos em Oncologia Pediátrica: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 2, p. 556–566, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/D5KyQJQRxHKrXTJgkZSsHfQ/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Thiago Privado da; SILVA, Laura Johanson da; SILVA, Ítalo Rodolfo; FERREIRA, Maria José Carvalho; COSTA, Luana dos Santos; LEITE, Josete Luzia (In Memoriam). Avaliação e manejo da dor oncológica crônica em unidade de internação pediátrica. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S.l.], v. 11, e31, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/47865/html>. Acesso em 28 mai. 2025.

SILVA, Adriana Ferreira da; ISSI, Helena Becker; MOTTA, Maria da Graça Corso da; BOTENE, Daisy Zanchi de Abreu. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 2,



p. 56–62, jun. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rngen/a/v7mLR86DTXnKrLCzJ9Cddsx/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2025.*****

SOUSA, Martins Rodrigues de; CHAVES, Edna Maria Camelo; TAVARES, Ana Raquel Bezerra Saraiva. Representações sociais dos profissionais de enfermagem sobre a avaliação da dor na criança oncológica. *BrJP*, v. 5, p. 8-13, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/brjp/a/LTGHC8Vkj6Z4xKbQWnxwStn/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2025.

SOUZA, Thaís Cristina Flexa; CORREA JÚNIOR, Antonio Jorge Silva; SANTANA, Mary Elizabeth de; CARVALHO, Jacira Nunes. Cuidados paliativos pediátricos: análise de estudos de enfermagem.

Revista de Enfermagem UFPE on line, Recife, v. 12, n. 5, p. 1409–1421, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-980884>. Acesso em: 21 abr. 2025.

VALADARES, Maria Thereza Macedo; MOTA, Joaquim Antônio César; OLIVEIRA, Benigna Maria de. Palliative care in pediatric hematological oncology patients: experience of a tertiary hospital. **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, [S.l.], v. 36, n. 6, p. 403–408, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbhh/a/L5cwHckJqGBP4PRxqHDGFHc/?lang=en>. Acesso em: 16 mai. 2025.

VIEIRA, Amanda Patez Matos Santos; CASTRO, Daniele Lima ; COUTINHO, Mislene Silva.

Assistência de enfermagem na oncologia pediátrica. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 67–75, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doceru.com/doc/s81sx1e>. Acesso em: 10 mai. 2025.

XU, Xianghua; OU, Meijun; XIE, Chanjuan; CHENG, Qinqin; CHEN, Yongyi. **Pain acceptance and its associated factors among cancer patients in Mainland China: a cross-sectional study.** *Pain Research & Management*, v. 2019, p. 9458683, 2019. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1155/2019/9458683>. Acesso em 28 mai. 2025.